

Economia da União Europeia

TOLHIDA PELA CRISE DA DÍVIDA SOBERRANA e da dívida bancária, a recuperação do crescimento na Zona Euro tem sido lenta e desequilibrada, embora os últimos sinais sejam mais animadores: impulso superior ao esperado no princípio de 2010, tanto para o espaço dos países da moeda única como para a União Europeia, enquanto um todo.

Um relançamento que fica a dever-se, em larga escala, ao desempenho do seu sector industrial exportador, em linha com a dinâmica apresentada pela restante economia mundial. De uma forma particularmente oportuna, a Europa tem estado ao longo do ano a beneficiar dos ventos fortes oriundos dos países emergentes, que a empurraram rumo a um crescimento menos titubeante, como inicialmente aparentava ser a realidade.

Uma tendência sublinhada por uma procura interna revitalizada, com o aumento do consumo privado e do investimento – sobretudo na Alemanha, cujas expectativas de aceleração económica superaram todas as previsões.

A pedra de toque quanto ao futuro do andamento das economias e a possibilidade de criação massiva de emprego no espaço europeu reside agora, de forma mais acentuada que nunca, nas implicações que os drásticos cortes orçamentais, a par do ajustamento estrutural exigido pelos fundamentos da moeda única, irão provocar no tecido social e económico de cada país. E comprometer quer os números para 2011, quer para os anos vindouros.

Mais de metade dos países da União Europeia vai apresentar défices orçamentais inferiores a 2009, com a média a descer de 6,5% do PIB para 5% em 2011 e 4,25% no ano seguinte.

Sombras no ritmo de crescimento da União Europeia a que se somam incertezas na forma como os mercados vão percepcionar o cumprimento das metas do défice por parte das economias mais expostas da Zona Euro: Portugal, Irlanda, Grécia, Espanha e Itália.

A Europa a vários ritmos

Com mais ou menos nuvens negras, é já seguro afirmar que o ritmo de crescimento da União Europeia vai ser moderado ao longo do ano de 2011. Um resultado deixado a entender pelo esbater da dinâmica de acumulação ostentada durante o terceiro trimestre de 2010.

Números que espelham um certo definhamento dos factores que contribuíram para o início da retoma europeia: as medidas de estímulo excepcionais apresentadas pelos diferentes governos, mas que agora começam a ser retirados. Nalguns casos, numa espécie de travagem a fundo!

Mesmo ao nível dos mercados financeiros, a crescente pressão sobre as economias mais expostas da União – depois da Irlanda, agora Portugal e Espanha vivem sob ameaça permanente – torna expectável um novo tropeço por parte do espaço europeu.

Os dados apontam para uma caminhada em 2011 sufocada pela forte contracção no con-

sumo doméstico, juntamente com uma redução do peso do sector da construção no contributo para o crescimento. Para além disso, a subida do desemprego não só é tida como certa, como a sua parte entendida como estrutural será ainda mais sublinhada pela actual crise financeira.

Contudo, o mais marcante na fraca ou quase ausente retoma global do espaço europeu passa pelo forte desequilíbrio em termos de andamento das suas economias: algumas já navegam em ritmo de cruzeiro enquanto outras ainda se debatem com a tempestade.

“ Os mercados insistem em testar a sustentabilidade do euro enquanto moeda única, e esse é o grande desafio da Europa para os próximos anos. ”

A Alemanha, por exemplo, vai apresentar um crescimento de 3,7% em 2010, mais do dobro da Zona Euro. E, um pouco à imagem de algumas outras economias tendencialmente exportadoras, conseguirá marcar o rumo, enquanto países periféricos como Portugal, Espanha ou Grécia vão voltar a atrasar-se relativamente à média europeia. Já a França ficará abaixo da mediana, a Itália a meio ponto de distância e a Espanha manter-se-á em recessão. Fora da Zona Euro, destaque para a Polónia, a única economia da União Europeia a escapar à razia em 2009. E enquanto a recuperação do Reino Unido alinha pela média da União, Eslováquia e Suécia apresentam os melhores resul-

tados: mais de 4% de crescimento económico. Quanto à economia portuguesa, terá em 2010 um crescimento de 1,3%, mas voltará a entrar em recessão no ano seguinte, para regressar em 2012 timidamente a um aumento do produto: o crescimento será o mais baixo de todos os países da União Europeia, agravando a situação de pobreza relativa e adensando o fraco desempenho face à média da União Europeia. Contas feitas, o espaço europeu acaba por pintar um quadro de recuperação a diferentes cores e temperaturas, com tensões inflacionistas desiguais a poderem condicionar uma política monetária mais restritiva, capaz de causar ainda mais preocupações aos países menos dinâmicos da Zona Euro.

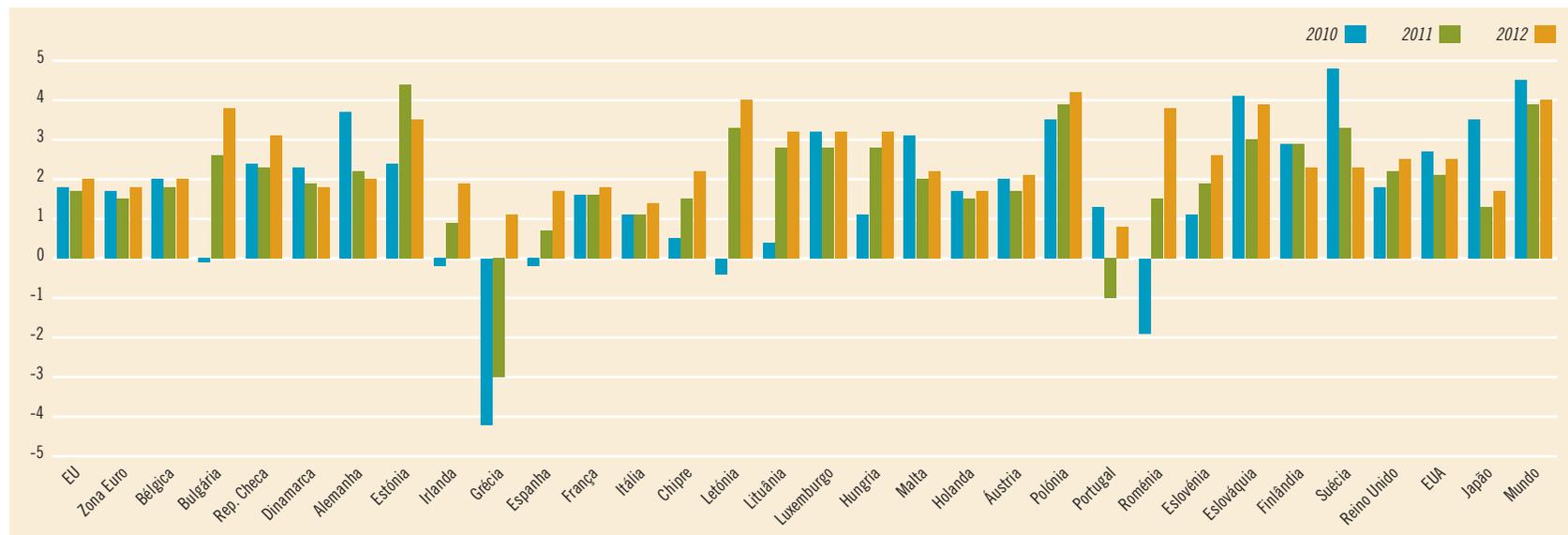
Em suma, o crescimento da União Europeia deverá ficar abaixo do potencial no decurso de 2011, para apresentar, depois, uma *performance* mais desafogada, ainda que pouco elástica: 2% em 2012, após de ter aumentado 1,7% no ano anterior.

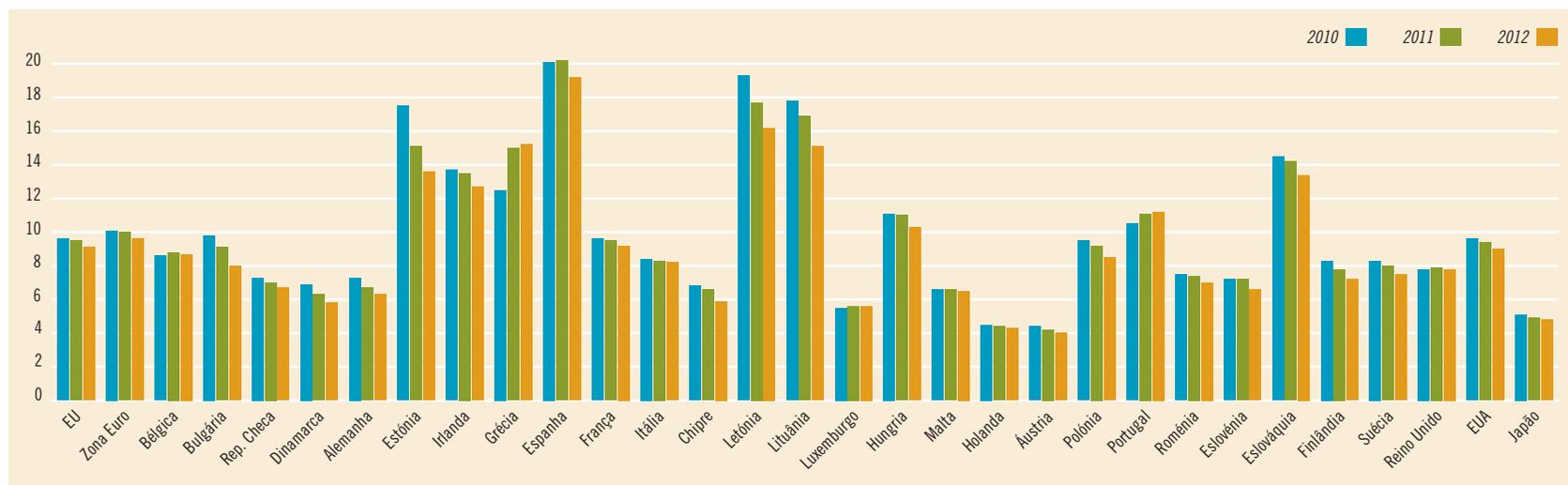
Ainda assim, valores que contrastam com uma dinâmica mais apetecível protagonizada pelos Estados Unidos, com taxas de crescimento sempre superiores às da União Europeia, um diferencial já não tão relevante quando se compara o espaço europeu com o Japão.

Já no caso da Rússia, aí sim, as diferenças apresentam-se significativas: o desempenho da economia liderada desde Moscovo vai ter o dobro da velocidade daquela que será fixada pelos países do velho continente.

A sombra do desemprego

O desemprego, um dos aspectos mais visíveis da crise económica e financeira em que





Desemprego (em %). Fonte: Comissão Europeia 2010.

a Europa mergulhou nos últimos dois anos, apresentou ao longo de 2010 uma tendência para estabilizar: o número de empregos perdidos estancou no segundo quartel de 2010, enquanto o emprego manteve-se estável na Zona Euro. As cifras de desemprego mantiveram-se praticamente em torno dos 10%, tanto na Zona Euro como na União Europeia.

Dentro deste quadro, os países mais afectados são Espanha e os Estados do Báltico, com o desemprego a variar entre os 17 e os 20%, enquanto países como Holanda ou Áustria podem orgulhar-se de cifras que não ultrapassam sequer os 5%.

Embora as previsões sejam agora ligeiramente melhores que no início do ano, as tendências actuais apontam para uma fraca criação de emprego, com reflexos para 2011 e 2012.

Em comparação directa com EUA e Japão, a União Europeia vai estar em linha com as

taxas de desemprego sentidas do outro lado do Atlântico, mas praticamente com o dobro da cifra que se verifica no Japão.

No caso de Portugal, as perspectivas são igualmente frias: desemprego acima dos 10% em 2010, com tendência para aumentar em 2011 e 2012 para valores superiores a 11%.

Euro-risco

Os próximos 2 anos vão ter nos rácios da Dívida Pública um motivo de preocupação em toda a Zona Euro, com o conseqüente fortalecimento ou descredibilização da própria moeda única.

O acumular de défices atingirá em 2012 os 83% do Produto no caso da União Europeia e os 88% no que concerne à Zona Euro.

No caso de Portugal, a economia nacional posiciona-se em linha com o quadrante dos países mais endividados, denotando um cres-

cimento de quase dez por cento do PIB entre 2010 e 2012. Um acentuar das dificuldades e debilidades da economia portuguesa expressas no valor da Dívida Pública quando se recua a 2005: 61,7%.

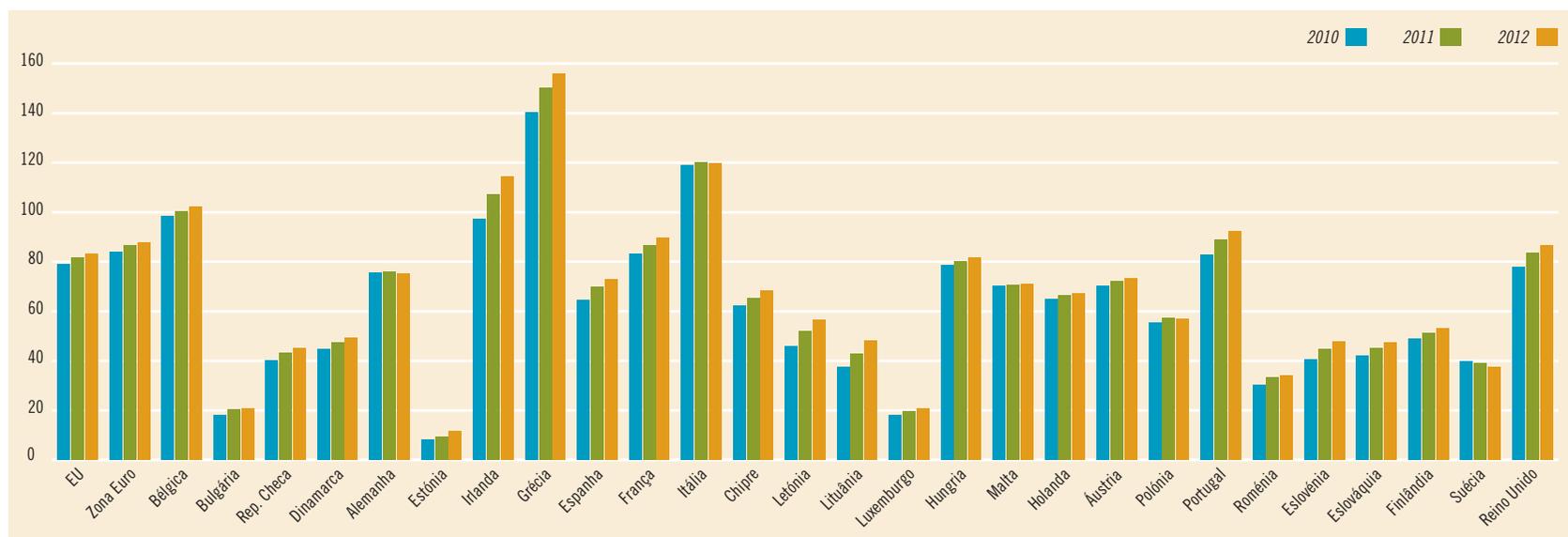
No global, o espaço europeu apresenta, também a este nível, ritmos muito diferenciados: Grécia, Irlanda e Itália são os mais penalizados na Zona Euro, enquanto Luxemburgo, Eslovénia, Eslováquia e Finlândia expõem os melhores rácios, abaixo de metade do PIB.

Mas essas são nítidas excepções, num quadro cada vez mais denso. E a verdade é que os actuais rácios representam riscos acentuados tendo em conta a combinação entre fraco crescimento, imprescindível necessidade de redução de défices e desenvolvimento demográfico pouco favorável.

Numa altura em que as economias do Sul da Europa se encontram sob vigilância apertada

dos mercados, num momento em que da Alemanha surgem sinais de desconforto perante a necessidade de sucessivos pacotes de ajuda financeira – o não de Merkel a um plano de Obrigações Europeias fala por si! – a aplicação de reformas estruturais nas economias mais débeis e a imposição de uma férrea disciplina orçamental com conseqüências sociais evidentes assumem-se como um teste decisivo à solidez, à solidariedade e ao futuro da própria União Europeia.

Os mercados insistem em testar a sustentabilidade do euro enquanto moeda única, e esse é o grande desafio da Europa para os próximos anos. Até porque o facto de a Alemanha estar a crescer de forma desigual face ao parceiros comunitários deverá iniciar um ciclo de pressão para a subida dos juros, enquanto muitos outros países da Zona Euro ainda esbraceçam para sair da recessão. ■



Dívida pública (em % do PIB). Fonte: Comissão Europeia 2010.